

VIGOTSKI: POSSÍVEL INTERPRETE FILOSÓFICO DE DUAS CRISES NA PSICOLOGIA

Flávio Luiz Freitas¹
Jose Fernando Manzke²

RESUMO

Investigação sobre a possibilidade de explicitar as relações filosóficas entre duas crises na psicologia do início do século XX identificadas pelo psicólogo bielorusso Vigotski. Para tanto, explicita-se que a primeira crise está descrita no texto intitulado de *El significado histórico de la crisis de la psicología. Una investigación metodológica* de 1926. Em seguida, postula-se que a segunda crise é apresentada no texto de nome *Teoría de las emociones: estudio histórico-psicológico* de 1933. Por fim, argumenta-se que um tipo de dualismo que não foi filosoficamente problematizado pode ser o elemento em comum entre as duas crises apresentadas e interpretadas por Vigotski.

Palavras-chave: Vigotski. Filosofia. Psicologia. História.

ABSTRACT

Research on the possibility of establishing relations between two philosophical crisis in psychology from the early twentieth century identified by Vygotsky. For that, it explains that the first attack is described in the text entitled *El significado histórico de la crisis de la psicología. Una investigación metodológica*. Then, it is postulated that the second crisis is presented in the text of the name of them *emociones Teoría de las emociones: estudio histórico-psicológico*. Finally, it is argued that a kind of dualism which has not been questioned philosophically may be the common element between the two crises presented and interpreted by Vygotsky.

Keywords: Vygotsky. Philosophy. Psychology. History

1 PROBLEMA DE INVESTIGAÇÃO

O presente trabalho pretende investigar o seguinte problema: de um ponto de vista filosófico, em que medida podemos relacionar dois tipos de crises na psicologia do início do século XX que foram diagnosticadas pelas pesquisas do psicólogo bielorusso Léon Vigotski?

A primeira crise que nos referimos está identificada no texto intitulado *El significado histórico de la crisis de la psicología. Una investigación metodológica* (1991). Já a outra crise é abordada no escrito de nome *Teoría de las emociones: estudio histórico-psicológico* (2010).

Postulamos como hipótese interpretativa que existem entre as duas crises uma

¹ Universidade Federal do Maranhão. E-mail: fldcfl@gmail.com

² Universidade Federal do Maranhão. E-mail: manzke@ufma.br

conexão sustentada por um dualismo psicofísico que não foi submetido à devida problematização filosófica, visto que é pressuposto como condição para a realização da pesquisa psicológica do início do século XX.

2 Psicologia Geral e Crise

O texto *El significado histórico de la crisis de la psicología. Una investigación metodológica* foi publicado em 1926 está voltado para investigar dois problemas: em que consiste a crise metodológica na psicologia da segunda década do século XX? Qual é o significado histórico dessa crise?

Essa crise decorre da necessidade de uma disciplina que acumule, sistematize e encontre os princípios e as regras das descobertas realizadas pelos distintos sistemas psicológicos (Psicanálise, Comportamentalismo e Gestalt).

Tamanho necessidade poderia estar vinculada ao caos que ameaça consumir qualquer atividade científica e filosófica que não organize suas produções no sentido de assegurar uma consistência que suporte ao tempo, aos combates internos, ataques externos (contexto político, econômico e cultural) e sirva de base para a continuidade das investigações. Outro fator é a necessidade de identificar os padrões de surgimento, desenvolvimento e desuso das ideias em uma atividade científica, especificamente em psicologia.

Vigotski acredita que é possível identificar essa crise mediante dois sinais: a presença de conceitos de outras ciências e o tipo de linguagem usada em psicologia. A necessidade de estudar os fundamentos conceituais das disciplinas particulares em psicologia e seu papel na organização dessas mesmas disciplinas fica evidente quando a psicologia toma emprestados conceitos de outras ciências, pois nesse caso o grau de autenticidade, clareza e fundamentação das teses ou leis psicológicas originados em outros conhecimentos é maior do que aqueles que são criados no interior da própria psicologia. (VYGOTSKI, 1991, p. 307)

No que tange à linguagem, Vigotski considera o vocabulário psicológico de sua época dotado de uma terminologia insuficiente, ou melhor, a psicologia do início do século XX não possuía uma linguagem. Isso poderia ser explicado pelas três classes de palavras que compunham o vocabulário psicológico até então: palavras da linguagem cotidiana, vagas, portadoras de polissemia e adaptadas à vida prática; palavras da linguagem técnica da filosofia que tinham perdido sua conexão com o significado original, decorrentes do enfrentamento de distintos sistemas filosóficos; vocábulos retirados das ciências da natureza que oscilam excessivamente entre denotação e

conotação, impedindo uma denominação mais precisa para a psicologia. (VYGOTSKI, 1991, p. 324)

Nesse sentido, para investigar esse problema e os sinais ligados a ele, Vigotski preconiza a existência de uma disciplina chamada de “psicologia geral”, que poderia se diferenciar das várias psicologias teóricas voltadas para objetos específicos, uma vez que apresentava como propósito a construção desse edifício epistêmico e metodológico:

De esta crisis metodológica, de la evidente necesidad de dirección que muestran una serie de disciplinas particulares – en un determinado nivel de conocimientos – de coordinar críticamente datos heterogéneos, de sistematizar leyes dispersas, de interpretar y comprobar los resultados, de depurar métodos y conceptos, de establecer principios fundamentales, en una palabra, de darle coherencia al conocimiento, de todo eso es donde surge la ciencia general. (VYGOTSKY, 1991, p. 259-260)

Essa análise levaria em conta suas tendências, as oposições entre os sistemas, seus condicionamentos reais e sua essência teórico-cognitiva, frisando sua correspondência com a realidade. Além disso, a interpretação desses sistemas iria compreendê-los como fatos da história da ciência, isto é, acontecimentos concretos e historicamente vivos. (VYGOTSKI, 1991, p. 264)

Talvez a primeira etapa para a construção dessa disciplina geral seja a identificação da necessidade das disciplinas particulares na unificação de seu material heterogêneo em torno de um centro principal, ainda que seja possível admitir centros periféricos oriundos de cada disciplina. Essa unidade determina o papel, o sentido e o significado de cada domínio assinalado, caracterizando um princípio de generalização que com o tempo é convertido em princípio explicativo. (VYGOTSKI, 1991, p. 268)

O caminho para a execução dessa tarefa são os conceitos geradores ou primogênitos (como o comportamento no comportamentalismo e o inconsciente na psicanálise), já que os mesmos estabelecem integrações dentro de uma disciplina, ou seja, ligam diferentes fatos ou conjunto de fatos em um domínio particular. Assim, a psicologia geral pode ser elaborada a partir da generalização de um conceito e de um princípio generalizador.

Na ocasião dessas conexões ultrapassarem dois ou mais domínios particulares e apresentarem relações de causa e efeito para distintas searas, Vigotski propõe que sejam classificadas como “explicações”: “De esta manera, cuando buscamos un principio explicativo nos salimos de los límites de la ciencia particular y nos vemos obligados a situar esos fenómenos en un contexto más amplio.” (VYGOTSKI, 1991, p. 268)

Ocorre que a passagem da integração para a explicação não é fruto apenas dessa
ISSN 1984-3879, SABERES, Natal RN, v. 1, n. 14, Out. 2016, 137-166.

ligação entre domínios distintos, tal qual uma necessidade lógica do conceito. As condições históricas na forma de exigências externas à teoria são o fator determinante para que as conexões de integração sejam convertidas em vínculos de explicação, visto que essas demandas são aspectos da realidade que invadem a teoria para direcioná-la no sentido de criar uma explicação acerca de setores que compõe os objetos do conhecimento.

Em termos concretos, essa tendência à explicação é proposta como uma metodologia científica de base histórica para a psicologia, a qual funciona tentando demonstrar a necessidade objetiva que subjaz o desenvolvimento da atividade científica.

Essa necessidade objetiva sustenta a repetição regular em que é efetivada a evolução de distintas ideias. Essa evolução é composta por uma tendência na transformação de toda espécie de descoberta, que demarque uma ruptura dos limites estabelecidos, em um princípio explicativo de todos os fenômenos psicológicos.

Semelhante regularidade e desenvolvimento de ideias, permuta de conceitos e mudança de categorias pode ser explicado, a partir da metodologia científica de base histórica, com o uso de três pontos de vista: 1- o substrato sociocultural da época; 2 – as leis e condições gerais do conhecimento científico; 3 – as exigências objetivas que caracterizam o estado da investigação.

Vigotski postula que é possível expressar esquematicamente o destino geral e o desenvolvimento das ideias explicativas em cinco estágios. O primeiro estágio surge com um descobrimento real mais ou menos importante que modifique a ideia habitual em vigor acerca da causalidade de um grupo específico de fenômenos. O segundo estágio inicia com a propagação da influência dessas mesmas ideias a domínios conflitantes, atingido um número de fatos que originalmente não abarcava.

Em meio a essa difusão, as ideias sofrem uma modificação ou uma aplicação. Essa modificação possui como efeito a elaboração de um enunciado mais abstrato a respeito da ideia em questão, gerando um enfraquecimento no elo com os fatos de origem da mesma para que ela possa estar conectada com um número maior de fatos. Esse enfraquecimento não significa uma ruptura com os dados originais, porque a autenticidade da ideia está associada junto de algum tipo de conexão com os fatos dos quais ela emergiu.

No terceiro estágio, acontece uma modificação estrutural no alcance da disciplina. Essa modificação tem início quando o princípio mais ou menos abstrato se confronta com o sentido ou tendência da disciplina. Desse confronto começa uma

adaptação gradativa junto aos conceitos que servem de base para a disciplina. O efeito direto disso é que a disciplina passa a funcionar de acordo com esse novo princípio.

Nesse ponto, as tendências à integração, marcada pela necessidade lógica, e à explicação, caracterizada pelos condicionamentos históricos e pela exacerbação do conceito inicial, se apoiam mutuamente, permitindo que as ideias sejam transferidas para outras disciplinas ligadas a primeira pelos conceitos de base, abrangendo um material fático cada vez mais heterogêneo.

O quarto estágio de desenvolvimento pode ser caracterizado pela ruptura entre o conceito básico e principal de uma disciplina e o princípio explicativo que desenvolvia a disciplina. Essa ruptura decorre da própria natureza do princípio explicativo, pois ela necessita continuar sua expansão em busca das causas externas para um maior número de fatos. Por outro lado, a disciplina para garantir seus limites e desenvolvimento de objeto de estudo permanece em sua própria seara de investigação, marcando assim um desprendimento entre ela e o princípio explicativo.

Outro aspecto desse quarto estágio tange às relações entre a psicologia e os conceitos base de outros tipos de conhecimento como a biologia, a físico-química e à mecânica. Nessas relações, a ideia componente do princípio explicativo estabelece um contato e uma interação com alguns dos conceitos que fundamentam essas disciplinas.

Dessa interação ocorre uma modificação mútua entre a ideia do princípio explicativo e esses conceitos, implicando no desenvolvimento de setores de pesquisa em comum, atingindo inclusive os sistemas filosóficos que atuam como alicerce desses saberes, transformando os mais remotos âmbitos da realidade e do universo, atingindo a qualidade tanto de um princípio universal quanto de uma ideologia.

Na ocasião de ser convertida em um princípio universal e em uma ideologia, a ideia se desprende por completo de seus fatos de origem, adquirindo uma forma específica que permite interrogar acerca daquilo que ela pretende, o que ela é? De quais tendências sociais procede? E a quais interesses de classe ela serve? A partir desse momento, que é o próprio quinto estágio, é possível problematizar uma ideia científica da psicologia enquanto fato da vida social, permitindo manifestar sua natureza histórico-cultural que estava oculta em meio a seu traço prioritariamente cognitivo.

Assim, somente com suas vestes exclusivamente filosóficas, essas ideias mostram seus vínculos sociais e são abordadas por distintas ideologias que representam outras tendências, as quais produzem uma reinterpretação dessas ideias, encaminhando as mesmas para o interior de um sistema mais amplo que tem sua origem e efetivação

em um campo social.

Esse movimento atribui funções e posições para essas ideias, determinando seja seu lugar revolucionário na atividade científica seja seu lugar de reprodução de representações instituídas:

Dicho de diferente manera, otras ideologías, que representan otras tendencias y fuerzas sociales, reconquistan la idea e incluso su campo inicial, elaboran su punto de vista sobre ella y entonces la idea o bien muere o continúa existiendo, incluida más o menos estrechamente en tal o cual ideología de entre una serie de ideologías, compartiendo su destino y realizando sus funciones, pero deja de existir como idea revolucionadora de la ciencia; es una idea que se ha retirado del servicio y que ha obtenido en su departamento el grado de general. (VYGOTSKI, 1991, p. 272)

A partir desse desenvolvimento esquemático, podemos colocar um problema: qual é a relação que existe entre a disciplina geral de base histórica e as disciplinas particulares? Isso pode ser justificado em razão desse problema nos interessar diretamente, já que a teoria das emoções é uma disciplina particular que está ligada a uma crise metodológica e ao eventual desenvolvimento dos princípios explicativos de uma ciência geral.

Sobre esse problema, Vigotski argumenta que existem dois pontos de vista para abordá-lo: um ponto de vista da crítica e um ponto de vista da análise. O ponto de vista da crítica desenvolve em um mesmo plano o autor da crítica e o objeto criticado. Esse desenvolvimento surge no interior de uma disciplina particular e critica.

Nesse caso, criticar significa valorar, julgar, verificar e compreender em que medida uma teoria é verdadeira ou falsa. Suas conclusões são formadas por um conjunto de opiniões, ainda que sólidas e devidamente fundamentadas, isentas de uma função positiva, isto é, de propor afirmativamente uma hipótese, visando desenvolver determinada ideia.

Por sua vez, o ponto de vista da análise pertence à ciência ou disciplina geral, cuja tarefa está voltada para conhecer algo novo sobre os fatos que oferece a doutrina. Ela não formula uma avaliação concernente às teorias particulares, visto que está em busca de leis, princípios e formas gerais que desenvolvem as disciplinas particulares e aos sistemas psicológicos.

Essa análise não concebe o confronto entre opiniões e sistemas como uma discrepante contradição sem sentido. Pelo contrário, trata esse embate como uma fase no desenvolvimento da atividade científica em psicologia, com raízes na realidade que dinamiza seus objetos e ramos do conhecimento. Mais precisamente diz respeito a um

sistema de tendências objetivas que atribuirão a si próprios a tarefa histórica de desenvolvimento da ciência em que atuam:

En lugar de discutir y valorar críticamente a tal o cual autor, en lugar de tacharle de inconsciente y contradictorio, se dedicará al análisis positivo de las exigencias que plantean las tendencias objetivas de la ciencia. Logrará así hacerse con un mapa del esqueleto de la ciencia general en cuanto sistema de leyes, principios y hechos determinados, en lugar de un conjunto de opiniones sobre opiniones. (VYGOTSKI, 1991, p. 292)

Com isso, segundo Vigotski, a partir do ponto de vista da análise, uma disciplina geral fornece sentido para os desenvolvimentos das disciplinas particulares a partir de seus princípios explicativos. Fornecer sentido significa atribuir uma interpretação que contenha sistematização do material acumulado, problematização de fundamentos e uma direção ou horizonte para o qual as disciplinas podem seguir.

A partir da perspectiva da análise, portanto positiva, isto é, de apresentação de teses e não só de negação ou crítica, Vigotski estabelece um caminho para tentar encontrar o fundamento último dessa crise, bem como o seu significado histórico.

Para desenvolver isso, ele apregoa que mediante o conhecimento da metodologia e da história das ciências, na perspectiva do materialismo dialético, é possível compreender a atividade científica enquanto um sistema vivo em constante evolução e avanço, cuja composição é diferenciada pelos fatos demonstrados, leis, suposições, estruturas e conclusões que se completam mutuamente.

Daí que, o conflito entre distintos sistemas psicológicos, caracterizados pelas tendências de integração e explicação, assume a forma de uma “luta entre ciências”, a qual significa uma luta entre modelos de cientificidade que atuam com um procedimento de exclusão mútua. Essa luta não pode ser confundida com uma divergência de critérios para caracterização da atividade científica em psicologia, pois são ciências constituídas com o uso de distintos modelos que estão em enfrentamento.

A exclusão mútua ocorre a partir da tentativa de supremacia de um tipo de psicologia geral baseada em uma ciência psicológica específica. A causa disso está ligada a ausência de um trabalho em conjunto entre pesquisadores da filosofia da psicologia e operadores da psicologia para tentar elaborar uma metodologia específica. (VYGOTSKI, 1991, p. 343)

A razão na qual essa causa se baseia diz respeito a uma interpretação que naturaliza a crise em psicologia, porque dissocia os elementos históricos, culturais e sociais da pesquisa filosófica e científica. Tamanha interpretação supõe que falta à psicologia o mesmo processo que construiu a revolução científica durante os séculos

XV e XVI, destacando que ela carece, naturalmente, seguir esse caminho para finalizar sua situação de crise. Esse evento teve como produto o método matemático/experimental aplicado às físicas com o trabalho de Galileu e Newton.

Na continuidade desse pensamento, a interpretação naturalizante postula que a psicologia irá superar seu estado de crise aceitando o mesmo caminho evolutivo da biologia dos séculos XVIII e XIX: descrição dos animais e de seu modo de vida, classificação dos mesmos, unificação dessas classificações e construção de uma disciplina que sistematize o material empírico, os princípios e fundamentos acumulados ao longo do tempo. Nessa analogia, a psicologia geral pode ser compreendida como parte da biologia ou enquanto disciplina dissociada dela.

Nesses termos, para Vigotski, o primeiro passo na elaboração do significado histórico da crise em psicologia, consiste em rejeitar a analogia entre psicologia e biologia, uma vez que essa postura descuida de considerar a existência de outras disciplinas que exerceram influência nos modelos constitutivos da cientificidade da psicologia, como o caso da sociologia, por exemplo. (VYGOTSKI, 1991, p. 347)

O passo seguinte à rejeição dessa analogia é a elaboração de uma teoria específica acerca da crise que aceite a suposição de desprendimento entre as estruturas que sustentam esse problema e o seu caráter empírico. Essa operação de desprendimento consiste em interrogar pelo fundamento histórico da diversidade de atividades científicas em psicologia que estão em constante confronto.

Ocorre que esse confronto foi agravado quando o termo “empírico” fora diretamente associado às ciências da natureza, pois a psicologia foi colocada na posição de ciência natural que investiga objetos espirituais ou a história natural desses objetos, gerando uma confusão e luta interna, cujo saldo foi a classificação de “empírico” orientações distintas e conflitantes, tal qual Vigotski argumenta a partir de Vvedinski (acadêmico russo, professor de teologia e filosofia na segunda metade do século XIX) e Chelpanóv (até presente momento não encontramos referências, a não ser a menção feita por Vigotski). (VYGOTSKY, 1991, p. 347-354)

Semelhante luta e entendimento possui em suas bases o conflito secular entre duas ciências psicológicas específicas, que podem ser diferenciadas enquanto naturalismo-materialista e idealismo, as quais sustentam, respectivamente, um modelo explicativo e um modelo descritivo. Vigotski argumenta, a partir de Dilthey, que as origens dessa divisão remetem à escola de Wolff, entre os séculos XVII e XVIII. Nessa ocasião, admitiu-se que havia uma psicologia empírica e outra racional:

Dilthey, que denomina a estas dos ciencias psicología explicativa y psicología descriptiva, atribuye esta subdivisión a C. Wolff, que dividía la psicología en racional y empírica y, por tanto, localiza esta bifurcación en la aparición misma de la psicología empírica. (VYGOTSKY, 1991, p. 352)

Nessa divisão, entre explicação e descrição, é estabelecida também uma distinção procedimental e de padrão de racionalidade, pois a explicação estabelece relações de causa e efeito entre fenômenos observáveis, mensuráveis e verificáveis, já a descrição é exercida na forma de compreensão e construção de sentido, usando metáforas e conceitos a partir da cultura e do tema da liberdade, em suas repercussões éticas, estéticas e políticas. Em suma, uma hermenêutica:

La psicología actual – doctrina da alma sin alma – interiormente contradictoria, se descompone en dos partes. La psicología descriptiva por un lado, que no tiende a la explicación, sino a la descripción y a la comprensión; lo que los poetas, especialmente Shakespeare, ofrecen en imágenes, ella lo convierte en objeto de análisis en conceptos. Por otro lado, la psicología explicativa, científico-natural, que no puede servir de base a las ciencias del espíritu y sobre la que se construye el derecho penal determinista, que no deja lugar a la libertad ni al problema de la cultura. (VYGOTSKI, 1991, p. 352)

Baseado nisso, Vigotski formula dois princípios e uma tese acerca das relações entre racionalidade em psicologia e o empirismo. Os dois princípios estão ligados pelo reconhecimento de dois gêneros distintos de psicologia empírica: uma de base idealista e outra de base materialista. Já a tese postula que há um profundo dualismo em psicologia que impregna todo o seu desenvolvimento e que é possível conhecer as causas próximas de seu aprofundamento:

En esencia, lo que hemos es poner de manifiesto la tesis, hace tiempo establecida en nuestra ciencia, de su profundo dualismo, que impregna todo su desarrollo, y, por tanto, nos hemos adherido a un indudable principio histórico. Nuestra tarea no incluye la historia de la ciencia y limitándonos a constatar simplemente el hecho y a explicar *las causas próximas* que han conducido a la agudización y escisión de este dualismo en la crisis. (VYGOTSKI, 1991, p. 355)

As causas mais próximas para esse aprofundamento e sua eventual força motriz são razões de ordem interna à psicologia, já que as causas e fenômenos externos (sociais e ideológicos) estão representados por forças que atuam a partir da própria psicologia enquanto atividade científica. O núcleo dessas forças é o desenvolvimento da psicologia aplicada em toda sua amplitude. Isso ocorre em função de três elementos: a prática, a metodologia e a unilateralidade da técnica em psicologia aplicada.

Para Vigotski, com a prática, a psicologia enfrenta pela primeira vez o tema da práxis: indústria, educação, política, forças armadas, dentre outras. Essa práxis tem como um de seus frutos a organização e a regularização da psique, ainda que seja de forma desordenada.

Nesse sentido, seu arquétipo de pesquisa é o da produção da vida social, reservadas alguns distanciamentos no que trata de analogias abstratas que não se voltam diretamente para a dinâmica histórica das sociedades. Isso não isenta o materialismo histórico de sua dinâmica dialética, nem estabelece uma oposição binária entre as duas orientações marxistas (história e dialética), entretanto demarca o traço de prioridade da produção da vida material em relação à criação de representações que tratam de justificar ou problematizar a organização espacial e, sobretudo, temporal dos agrupamentos humanos.

Desse modo, a prática permite que as psicologias reestruturem seus princípios, visto que a mesma é convertida em juiz supremo da teoria, critério de verdade e pressuposto para criação de leis e formulação de conceitos. Isso significa que a prática deve permitir o acesso à verdade do pensamento por meio da compreensão e domínio da psique.

No que concerne ao segundo elemento constitutivo da psicologia aplicada, ou seja, a metodologia, ela trata da exigência por parte da prática, enquanto princípio constitutivo da atividade científica, de uma filosofia ou mais precisamente de uma metodologia da ciência. A causa imediata disso são os problemas gerais presentes na teoria e o exame das dificuldades inerentes em cada caso concreto.

Assim, Vigotski aventa que o significado completo da crise em psicologia reside no abandono histórico efetivado, por parte da psicologia aplicada, em relação ao princípio da prática e da necessidade de sua respectiva filosofia:

Por eso afirmo, a pesar de que más de una vez se haya visto comprometida, a pesar de que su valor práctico sea casi nulo y sus teorías con frecuencia ridículas, que su importancia metodológica es enorme. El principio de la práctica y su filosofía se impone una vez más: la piedra que rechazaron los constructores, ésa vino a ser piedra angular. Ahí se halla el significado completo de la crisis. (VYGOTSKI, 1991, p. 357)

Por fim, a unilateralidade da técnica em psicologia aplicada é caracterizada por ser ligada exclusivamente à perspectiva materialista, portanto explicativa e fisiológica. Essa posição descuida da importância de um conceito integral em psicologia, que realize as conexões entre aspectos fisiológicos e psicológicos, possibilitando um manejo

artificial do comportamento sem abrir mão de um domínio da psique.

Para Vigotski essa conexão entre aspectos fisiológicos e psicológicos necessita obedecer às demandas da práxis organizada, uma vez que ela estabelece o modo que a psicologia pode vir a responder aos auspícios dos vários setores que compõe uma sociedade, formulando hipóteses que possam ser verificáveis e convertidas em leis, mediante a elaboração de uma explicação. Por outro lado, isso também significa que o idealismo em psicologia, compreensão e descrição, não é adequado para atender ao clamor por respostas dotadas de rigor e alguma previsibilidade para o cotidiano:

Y ese mayor rigor que, en general, sólo puede exigírsele a la ciencia, pasará, gracias a la extrema seriedad de la práctica, a revitalizar la psicología. La industria y el ejército, la educación y el tratamiento de los enfermos, resucitarán y reformarán la ciencia. (VYGOTSKI, 1991, p. 358)

O problema que surge em torno do materialismo explicativo da técnica em psicologia aplicada trata da imprescindibilidade da relação entre princípios psicológicos e argumentação filosófica, pois a técnica, em psicologia, é direcionada por premissas epistemológicas específicas, as quais são as responsáveis diretas pelo tipo de conhecimento que é formulado. Na psicologia de Vigotski, técnica e metodologia estão ligadas. Os problemas centrais terminam por ser de cunho filosófico, enquanto a técnica trata de uma aplicação que pretende encontrar nexos explicativos específicos.

A sustentação última da crise está na tensão entre idealismo e materialismo, mais precisamente na maneira como esse conflito fica radicado na psicologia aplicada, pois essa tensão faz com que, conscientemente ou não, princípios, práticas, procedimentos explicativos e compreensivos sejam misturados, gerando inconsistência e confusão no desenvolvimento teórico e prático da psicologia.

A alternativa proposta por Vigotski supõe que o princípio da prática pode exercer uma pressão que decompõe a tensão em duas ciências, possibilitando a construção de uma nova unidade dialética entre metodologia de base filosófica e aplicação técnica de alicerce experimental. A condição para a criação dessa unidade é a renúncia radical do “empirismo cego”, marcado pelo uso da introspecção no estudo das sensações concretas. Essa introspecção criticada por Vigotski possui como princípio a perspectiva exclusivamente subjetiva, deixando de considerar o princípio da implicação mútua entre subjetividade-objetividade.

O detalhe interessante é que Vigotski admite que as duas psicologias, explicativa e compreensiva, terão seu destino e desenvolvimento com a cisão realizada pela prática.

Sua colocação não diminui nem despreza a psicologia compreensiva, entretanto problematiza seu caráter de cientificidade e de aplicabilidade técnica. Daí que sua predileção pelo materialismo ocorre quando é colocado o tema da técnica em psicologia aplicada e sua eventual cientificidade:

Sólo la renuncia radical al empirismo ciego, que persigue las sensaciones introspectivas directas, y está escindido interiormente en dos; solo la emancipación de la introspección, su exclusión de un modo parecido a como se han ignorado los ojos en la física; solo la ruptura en dos psicologías y la elección entre ambas de una sola ofrecen la salida de la crisis. (VYGOTSKI, 1991, p. 362)

Assim, essa cisão em duas ciências termina por desabilitar a hermenêutica como procedimento dotado de cientificidade, garantindo à mesma um espaço investigativo na ordem da compreensão ou um idealismo que não pode suprir as exigências por experimentação e dedução com base em princípios gerais reguladores de verificação empírica.

Dessa maneira, podemos abordar duas interrogações: qual é o elemento diferencial do significado histórico completo da crise em psicologia? E quais são os traços distintivos de uma psicologia geral para Vigotski?

O elemento diferencial do significado histórico da crise em psicologia são os movimentos dialéticos que ocorrem no avançar do tempo, isto é, o surgimento de sistemas, teorias, hipóteses e técnicas, ora corretas, ora equivocadas, bem como sua influência e substituição gradativa que marcam um “ziguezague” na crise em psicologia (VYGOTSKI, 1991, p. 365).

Esse “ziguezague” é composto ainda por avanços, retrocessos, interrupções e invenções no transladar de uma geração para outra, cuja força determinante é o trabalho coletivo e contínuo, ainda que contraditório, mas dotado de sentido, realizado por distintas orientações de pensamento:

Somos dialéticos y no pensamos, en modo alguno, que el camino de desarrollo de la cienciaa(sic) vaya en línea recta. Y si hay en él zigzags, retrocesos o recodos comprendemos su significado *histórico* y los consideramos, (de igual modo que el capitalismo es una etapa inevitable hacia el socialismo), como eslabones *necesarios* de nuestra cadena, etapas inevitables de nuestra senda. (VYGOTSKI, 1991, p. 397)

Como efeito da necessidade de semelhante ziguezague teleológico, Vigotski vislumbra o lugar da psicologia na história da ciência e no contexto de uma nova

sociedade. Para ele, na perspectiva do marxismo, a história da ciência estaria incompleta sem a psicologia, pois caberia à mesma o estudo do novo homem que emerge de uma nova sociedade.

Essa nova sociedade poderia ser caracterizada pela ausência de donos da verdade acerca das pessoas e de donos das pessoas. Além disso, a psicologia, enquanto atividade científica, poderia ser colocada no centro da vida e do discurso sobre a vida, porquanto ela possibilitaria um salto do reino da necessidade para o reino da liberdade, vindo a ser uma ciência de uma etapa de transição na história da humanidade, fornecendo as bases para a criação de uma nova humanidade em sentido biológico e psíquico: “En la futura sociedad, la psicología será en realidad la ciencia del hombre nuevo. Sin ella, la perspectiva del marxismo y de la historia de la ciencia sería incompleta. Pero, sin embargo, esa ciencia del hombre nuevo será también psicología.” (VYGOTSKI, 1991, p. 405)

No que tange aos traços distintivos de uma psicologia geral, Vigotski a caracteriza como um “materialismo psicológico” ou como uma “dialética da psicologia”. Para conseguir efetivamente criar uma disciplina desse porte o autor especula que seja necessário construir todo um “Capital”, que pode ser reconhecido por desvelar a essência do grupo de fenômenos correspondentes, as leis sobre suas variações, suas características qualitativas e quantitativas, sua causalidade e criar categorias e conceitos que lhes são próprios. (VYGOTSKI, 1991, p. 389)

O modelo que Vigotski sugere para essa tarefa é aquele presente na *Crítica da economia política* de Marx. Nesse caso, utilizar esse texto significa elaborar conceitos equivalentes às noções de “classe”, “base”, “valor”, dentre outras, visto que os mesmos possibilitaram uma descrição e estudo dos objetos para Marx.

A matriz para a construção de semelhantes ideias em psicologia aceita o método de Marx como pressuposto e instrumento na criação de hipóteses e descrição direta de situações concretas. Mais especificamente, o interesse recai sobre a visão global do método para desenvolver uma investigação do psiquismo.

Esse olhar global não trata de uma aplicação do materialismo dialético em psicologia, mas lida uma procura por um mecanismo concreto junto ao materialismo histórico que contribua na confecção do conhecimento, destacando seus fatos, teorias, sentido interno e ligações precisas entre eles, sem abandonar a interrogação pela influência de forças externas no desenvolvimento dessas pesquisas e especulações, uma vez que a psicologia não apresentava vias de desenvolvimento independente, carecendo

de uma identificação dos processos históricos que a condicionam:

Lo que se *puede buscar* previamente en *los maestros* del marxismo no es la solución de la cuestión, y ni siquiera una hipótesis de trabajo (por éstas se obtienen sobre la base de la propia ciencia), sino del método de construcción (de la hipótesis. .R.R) No quiero saber de momio, entresacando un par de citas, qué es la psique, lo que deseo es aprender en *la globalidad* del método de Marx, cómo se construye la ciencia, cómo enfocar el análisis de la psique. (VYGOTSKI, 1991, p. 391)

Os fatores externos têm o propósito de explicar o caráter idealista ou materialista, religioso ou positivo, individual ou social da etapa de desenvolvimento de uma ciência, já que esses fatores podem acelerar ou retardar esse processo, podem desviá-lo ou mudar a qualificação de cada momento do percurso de uma atividade científica. No entanto, esses fatores não estão habilitados a criar hipóteses, teorias, técnicas avançadas ou experimentos.

Vigotski adverte que esse trabalho não pode ser confundido com a elaboração de um manual de materialismo dialético para a psicologia, nem consiste em agrupar opiniões pontuais acerca da psicologia que foram coletadas em textos de Marx e Engels, pois isso seria equivalente à delimitação de formas lógicas para compreender fenômenos específicos, comprometendo a riqueza da diversidade qualitativa, decorrente dinamismo dos processos empíricos, em favor de uma generalização apressada e demasiadamente abstrata. (VYGOTSKI, 1991, p. 390)

Destarte, essa cláusula restritiva frisa que “O Capital” da psicologia geral não poderia ser a aplicação das três leis da dialética em casos concretos dessa ciência, mas o acompanhamento dos processos históricos externos e suas relações com as etapas internas do trabalho de construção de um tipo específico de conhecimento regido pela dinâmica da dialética.

3 Teoria das Emoções e Crise

No que concerne ao texto de *Teoría de las emociones: estudio histórico-psicológico*, escrito entre 1931 e 1933, existe uma espécie de consenso entre os historiadores da obra de Vigotski acerca da dificuldade presente nesse livro. Semelhante dificuldade pode estar associada ao fato desse trabalho ser classificado como “incompleto” ou “não concluído”, caso se tome como referência todos os propósitos declarados ao longo do texto.

Sobre as razões de Vigotski não ter concluído esse trabalho existem pelo menos duas hipóteses interpretativas: o psicólogo russo deixou de trabalhar no texto de *Teoría de las emociones: estudio histórico-psicológico* devido ao agravamento de sua
ISSN 1984-3879, SABERES, Natal RN, v. 1, n. 14, Out. 2016, 137-166.

tuberculose, implicando na viabilidade de conclusão de projetos mais adiantados como *Pensamento e linguagem* (TOASSA, 2011, p. 109), ou Vigotski abandonou o manuscrito ao perceber que estava diante de objetivos que não podiam ser atingidos com base na filosofia de Espinosa (VAN DER VEER e VALSINER, 2009, p. 385).

Toassa contesta diretamente essa última posição, argumentando que Vigotski construiu uma relação de crítica dialética com a obra de Espinosa, pois incorporava alguns aspectos, desprezava outros e tentava integrar o material incorporado em uma síntese que fosse benéfica ao seu projeto histórico-cultural. Caracterizando uma ambivalência, cujo núcleo é a oscilação entre a crítica e o elogio, da parte de Vigotski para com Espinosa:

Nossa tese fundamental sobre a relação Vigotski-Espinosa é de que o bielorusso estabelecia com a obra espinosana uma relação de crítica dialética: pretendia a incorporação de algumas partes, a destruição de outras e a superação das primeiras pela sua integração em uma nova síntese, que seria a própria psicologia histórico-cultural. (TOASSA, 2011, p. 129)

Com isso, em *Teoría de las emociones: estudio histórico-psicológico*, compreendemos que Vigotski aborda o tema da relação entre a teoria espinosana das paixões e o conhecimento científico em psicologia no início do século XX. A partir desse tema, Vigotski constrói sua problematização: qual é a relação entre a teoria espinosana das paixões e as ideias de James-Lange sobre a natureza das emoções humanas?

Por lo tanto, si queremos estudiar lo que ha sido de la teoría spinozana de las pasiones en el tejido vivo del conocimiento científico actual, debemos empezar por elucidar lo que representa su relación con las ideas de Lange y de James sobre la naturaleza de las emociones humanas. (VYGOTSKI, 2010, p. 8)

É conveniente esclarecermos que James apresenta sua teoria das emoções em um artigo intitulado *What is an emotion?* Que foi publicado em um periódico de nome *Minds*, em 1884. Já em 1885, Lange torna público o livro *Emotions*, de modo totalmente independente em relação a James, contudo apresentando os mesmos princípios e argumentos, levando à teoria a ser batizada pela História da Psicologia de “Teoria de James-Lange”.

Daí que, Vigotski afirma que a teoria organicista das emoções não resiste à crítica dos fatos a partir de um estudo experimental. Para demonstrar isso, o psicólogo russo compreende que o problema fundamental na teoria de James-Lange não é a

hipótese de que as transformações orgânicas acompanham as modificações emocionais, porém a interrogação pela natureza da relação entre as mudanças corporais, o conteúdo psíquico, a estrutura das emoções e seu significado funcional.

De maneira mais específica a questão pode ser formulada assim: qual é a relação que conecta as emoções e suas expressões físicas? Para Vigotski a teoria organicista teve o mérito de expor esse problema de um modo claro e compreensível. Seu ineditismo já estava, parcialmente, apoiado nessa clareza, enquanto que seus mecanismos de prova eram a observação quotidiana, análise introspectiva e construções puramente especulativas. (VYGOTSKI, 2010, p. 16)

Semelhante clareza problematizava, inicialmente, os pressupostos filosóficos e, em seguida, identificava duas inconsistências na teoria anterior, chamada de “teoria clássica” ou “teoria tradicional” das emoções. De acordo com Lange, esses pressupostos consideravam as emoções como entidades, substâncias, forças, demônios que se apoderam do homem e determinam suas manifestações físicas e mentais, cuja fundamentação oscilava entre um discurso composto por noções teológicas ou concepções metafísicas antropomorfizadas.

A primeira inconsistência traz o seguinte argumento: um acontecimento seguido de emoção determina, imediatamente, um efeito psíquico. Contudo é admitido que a emoção verdadeira, alegria ou tristeza, consiste naquilo que ocorre na alma, enquanto que as expressões físicas são epifenômenos, sempre presentes, sem nada de essencial entre si.

Essa natureza epifenômenica das expressões físicas pode ser caracterizada como sendo uma dependência, para existir, em relação aos movimentos da alma. Para a teoria clássica, as emoções que sucedem na alma são a causa das expressões físicas.

Como consequência dessa primeira inconsistência, Lange classifica a teoria clássica de superficial, pois faz uso de hipóteses metafísicas em geral, atribuindo aos processos psíquicos quaisquer tipos de propriedades e forças em uma constante omissão das verificações experimentais. (VYGOTSKI, 2010, p. 18). Nesse caso, a inconsistência para Lange significa trivialização argumentativa, pois são admitidas quaisquer propriedades e forças que pudessem ser confundidas entre si, na ausência de uma corroboração empírica.

A segunda inconsistência que Lange atribui à teoria clássica trata da impossibilidade do sentimento existir sem suas características físicas, visto que quando os sintomas físicos são suprimidos, o sentimento também se esvai. Isso conduz a uma

contradição em relação à primeira inconsistência, vindo a reforçar essa última.

Como consequência a essas colocações, Lange elabora sua hipótese tentando reduzir todas as modificações fisiológicas que acompanham as emoções a uma fonte em comum e, portanto, estabelecer uma relação de reciprocidade entre os fenômenos. Essa fonte em comum são as modificações funcionais gerais do sistema vasomotor. Grosso modo, esse sistema tem a função de controlar o diâmetro dos vasos sanguíneos, vindo a facilitar ou dificultar a circulação do sangue no corpo.

Em decorrência disso, Lange estabelece que, especificamente, a reação vasomotriz é a fonte e base essencial de todo processo emocional. Em seguida, ele sugere que o principal problema de sua hipótese estava ligado à definição exata da reação emocional do sistema vasomotor aos diferentes tipos de influências:

Después de lo que acabamos de exponer, es difícil que pueda surgir cualquier duda acerca de que el centro de la teoría en torno al cual se desarrolla todo el sistema no es en sí la existencia de reacciones fisiológicas en el momento de una manifestación emocional, sino la relación de esas reacciones con el proceso emocional como tal. (VYGOTSKI, 2010, p. 19)

Acompanhando Lange nesse pensamento, James propõe que a excitação corporal segue diretamente a uma percepção estimulante, da qual ela decorre enquanto efeito. Em seguida, a consciência que temos dessa excitação, no momento em que ela aparece, compõe a emoção. Essa ideia significa uma inversão na ordem dos fatos da teoria clássica, porque aquilo que era considerado fonte e causa nessa teoria é transformado em resultado e consequência na teoria organicista.

Esclarecido isso, Vigotski estabelece duas diferenças entre James-Lange: o uso do materialismo e a função do mecanismo fisiológico das reações emocionais. Para Lange, a troca de posições na relação entre emoções e expressões corporais está baseada em tendências materialistas, já para James não há nem mais, nem menos materialismo nas opiniões que defendem o condicionamento das emoções por processos nervosos, pois, para esse autor, é possível conciliar com semelhante suposição posturas psicológicas idealistas, como a psicologia platônica, cujos fenômenos da alma podem e, em certa medida, devem estar submetidos à parte logística da mesma.

No que concerne ao mecanismo fisiológico das reações emocionais, Lange destaca a importância da modificação do sistema vasomotor. Com James é ressaltada, em primeiro lugar, a modificação funcional dos órgãos internos e dos músculos do esqueleto, ademais “[...]ambas teorías se parecen como dos gotas de agua.” (VYGOTSKI, 2010, p. 20)

Feita essa exposição, Vigotski retoma sua demonstração a respeito da insustentabilidade experimental da hipótese de James-Lange a partir das experiências de Cannon. Para tanto, Vigotski examina a relação de causa e efeito proposta por James-Lange (percepção – excitação interna – consciência da excitação – emoção) com base nos testes laboratoriais de Cannon. Esse procedimento recebe a seguinte formulação:

¿Debemos aceptar, a luz de esos hechos, que las modificaciones orgánicas que aparecen durante las emociones constituyen el fenómeno principal, fundamental, y que su reflejo en la consciencia sea únicamente un epifenómeno o, a la inversa, debemos admitir que el hecho de experimentar emociones de manera consciente representa el fenómeno fundamental e principal, y que las modificaciones corporales que lo acompañan sean únicamente un epifenómeno? (VYGOTSKI, 2010, p. 21)

Sendo assim, são apresentadas duas possibilidades: as modificações orgânicas são o fenômeno principal e seu reflexo na consciência é um epifenômeno, ou, a experiência consciente das emoções é o fenômeno principal e as transformações corporais que a acompanham são fenômenos secundários.

Para desenvolver essa questão e abordar imediatamente o funcionamento da relação, Vigotski identifica duas conclusões nos experimentos de Cannon que eram dotadas de um poder nocivo para a teoria de James-Lange: por profundas e importantes que sejam no plano biológico, as modificações orgânicas são extremamente parecidas nas emoções mais distintas, bem como nas contrárias, considerando o ponto de vista da vivência (apreensível com a introspecção) a partir da qual é possível destacar a raiva, o medo e a alegria. A outra conclusão prega que a relação principal entre as reações orgânicas e o processo emocional não pode ser compreendida como uma relação de causa e efeito.

A primeira conclusão demonstra que se as diferentes emoções fortes podem ser manifestadas na atividade difusa de um só ramo do sistema autônomo, que acelera o trabalho do coração, freia os movimentos do estômago e dos intestinos e provoca constrição dos vasos sanguíneos, então é possível considerar que as condições corporais não são válidas para diferenciar certas emoções.

Com isso, durante o medo, a cólera ou a alegria desmesurada, as reações que ocorrem nos órgãos internos aparentam ser excessivamente uniformes para fornecer um meio apropriado de distinção desses estados. As modificações viscerais comunicam ao complexo emocional uma sensação mais ou menos vaga que não alcança a consciência.

A segunda conclusão rejeita a relação causal entre as reações orgânicas e o processo emocional, porque, segundo Vigotski, para Cannon a formulação de James, ISSN 1984-3879, SABERES, Natal RN, v. 1, n. 14, Out. 2016, 137-166.

“estamos aflitos porque choramos”, necessita ser modificada pelo enunciado “choramos ou de alegria ou de tristeza ou devido a uma grande cólera ou a um sentimento de ternura” (VYGOTSKI, 2010, p. 22). A razão disso é que existe, na hipótese de Cannon, alguma dependência das manifestações corporais em relação ao processo emocional como tal: “Los experimentos que muestran la uniformidad de las reacciones viscerales indican el insignificante papel de los factores viscerales como origen de las diferencias que aparecen en los estados emocionales” (VYGOTSKI, 2010, p. 24)

Isso significa que as reações orgânicas não são o critério adequado para distinguir uma emoção da outra no que tange às suas origens. Essas origens são confundíveis, porquanto não há um movimento específico dos órgãos internos para cada uma das emoções em particular. Vigotski esclarece que a dificuldade de uma organização das emoções, seguida de uma classificação das mesmas, tem como fundamento a, já mencionada, natureza da relação entre processos fisiológicos e conteúdo psíquico.

O outro ponto de apoio da teoria de James-Lange é sua afirmação de que não é possível construir uma representação das emoções isenta de seus processos corporais e de suas sensações correspondentes, pois caso isso fosse realizável, seria um conceito “frio”, destituído dos elementos afetivos que o colorem e fortificam.

Como decorrência do exposto, permanece a hipótese de que as emoções não estão ligadas, em sua origem, a processos psíquicos, mas a manifestações orgânicas e corporais. A novidade é que a introspecção passa a ser a experiência probatória desse aspecto.

A introspecção pode ser pensada como um tipo de investigação que consiste na descrição dos estados da consciência por um observador em primeira pessoa que é, ao mesmo tempo, o analisando de sua própria investigação.

Com base nessas características, especialmente na introspecção, e fazendo uso dos experimentos de Marañón (médico, escritor e filósofo espanhol cuja produção está situada nas primeiras duas décadas do século XX), Vigotski atinge as duas supostas provas para a teoria organicista das emoções. A primeira sustenta que caso sejam suprimidas as manifestações corporais, a emoção deve desaparecer. A outra prova preconiza, precisamente, o inverso da primeira, porque caso essas manifestações corporais sejam artificialmente provocadas, as emoções devem inevitavelmente aparecer.

Vigotski utiliza esse argumento como suporte para realizar transição do procedimento da experimentação mental para a experimentação real. Isso significa que

James-Lange fizeram, no máximo, experiências mentais acerca da supressão e aparecimento artificial das manifestações corporais e sua relação com as emoções.

É da natureza das experiências mentais que elas recorram a algum elemento fantasioso e difícil de verificar, já que elas ocorrem em um plano especulativo, que tenta uma constante aproximação com as regras, princípios e condições do plano empírico. Entretanto, a efetiva transformação dessas experiências em experimentos reais está ligada aos instrumentos disponíveis para a execução, quando não, está, minimamente, vinculada ao planejamento de construção de instrumentos probatórios para a experiência mental.

Por sua vez, as experimentações de Marañón tentaram realizar uma verificação subjetiva-objetiva, já que elas tinham como principal técnica a injeção de adrenalina em doses suficientes para que aparecessem todos os fenômenos orgânicos característicos das emoções fortes. Quadro que não ocorria, pois os sujeitos alegavam que não desfrutavam da experiência emocional, apesar de existirem todas as manifestações corporais.

O elemento subjetivo-objetivo é a perspectiva que direcionava a experimentação, porquanto o pesquisador, por um lado, podia conferir as mudanças na consciência dos sujeitos da experimentação, a partir da declaração de suas vivências emocionais. Por outro lado era possível verificar as manifestações corporais das emoções e em seguida estabelecer as relações entre ambas: “Lo nuevo en los experimentos de Marañón es la utilización de la introspección, que nos proporciona pruebas de la vivencia emocional inmediata de los sujetos”. (VYGOTSKI, 2010, p. 38)

É importante voltar a destacar a maneira como a introspecção adquire validade experimental para Vigotski. Isso ocorre quando a mesma é utilizada com fundamento no princípio da totalidade e unidade das dimensões interna e externa do comportamento, que implica, diretamente, na perspectiva subjetiva-objetiva.

Retornando às experimentações da Marañón, as vivências dos sujeitos tratavam de sensações de palpitações cardíacas, pulsação arterial difusa, sequidão na boca, nervosismo, mal estar e dor. Os estados emocionais associados a essas sensações eram indeterminados, carentes uma emoção identificável de maneira menos confusa e, portanto, mais específica.

Segundo Vigotski, Marañón esclarece que a fala e a descrição dos sujeitos envolvidos na experiência frisava, repetidamente, no uso de duas palavras: “sinto como” e nunca “sinto com alguma certeza isso”. Essa declaração estava presente em descrições

tais quais “Sinto como se estivesse assustado”, “Sinto como se estivesse à espera de uma grande alegria”, dentre outras. No que tange a isso, Vigotski ainda completa:

A modo de balance de sus investigaciones, Marañón señala una clara diferencia entre la percepción de los fenómenos periféricos de la emoción vegetativa, es decir, las modificaciones corporales, y la emoción propiamente psíquica, que no aparecía en sus sujetos, y cuya ausencia les permitía dar cuenta de la sensación de un síndrome vegetativo con una serenidad absoluta, sin un sentimiento real. (VYGOTSKI, 2010, p. 38)

A respeito disso, Vigotski ressalta que Marañón prevê uma exceção em condições especiais. Essa exceção abarca o sentimento da tristeza, que está, habitualmente, acompanhada de lágrimas, soluços e suspiros. Isso só ocorria quando os sujeitos eram dotados de um hipertireóidismo ou, antes da aplicação da adrenalina, eles foram colocados a falar sobre filhos doentes e pais já falecidos ou doentes. O fato marcante é que a tristeza só aparecia quando havia uma predisposição para a mesma, que não estava necessariamente ligada às mudanças corporais.

O efeito disso é que os experimentos de Marañón mostram que existe certa independência entre as searas somática e psíquica, comprometendo a estrutura argumentativa de James-Lange, cujo centro tratava de dependência causal entre emoções e modificações orgânicas. O argumento mínimo que pode ser formulado a partir daí, é o de que as relações de causa e efeito entre emoções e transformações orgânicas, na qual estas últimas são a causa daquelas, estão no plano da exceção e não propriamente na qualificação de regularidade previsível, que caracteriza uma lei científica.

O outro suposto pilar que James-Lange elegeram para sua teoria é o de que ela poderia apresentar uma explicação para totalidade da vida psíquica, normal ou patológica, e que a prova disso, bem como da primazia causal dos movimentos orgânicos sobre os processos psíquicos são os casos clínicos:

Así, James no solo aceptaba la legitimidad de la verificación factual de su teoría mediante los datos psicopatológicos, sino que veía en ellos la mejor prueba de ésta, y pensaba que su principal ventaja era que explicaba tanto los afectos normales como los patológicos. (VYGOTSKI, 2010, p. 42)

Para provar ou refutar a teoria organicista com casos clínicos, principalmente os patológicos, são necessários fenômenos muito especiais, que carecem de ser observados na manutenção ou desaparecimento da afetividade nos sujeitos, não paralisados, e que eram caracterizados por uma anestesia completa, uma vez que para James a melhor

prova da causa direta das emoções é o efeito físico das excitações externas sobre os nervos, as quais poderiam proporcionar casos patológicos correspondentes à emoção.

Ainda tomando como ponto de partida os experimentos de Marañón, Vigotski supõe que existe um elemento na teoria organicista que pode ser comprovado, cuja atuação é exercida tanto no âmbito somático, quanto na seara psíquica.

Vigotski argumenta que James, ao sustentar a impossibilidade de uma representação adequada da raiva sem considerar as manifestações corporais, descreve que existe uma tendência a atuar energeticamente presente dilatação das narinas e do apertar dos dentes, do mesmo modo que está presente no estado da consciência enquanto uma vivência que não é confundida com as sensações decorrentes da tensão e relaxamento dos músculos de uma pessoa. Essa tendência difere não só da sensação, mas também da percepção:

Es probable que de haber reparado en ella James no hubiera tenido inconveniente alguno en corregirla; pero, en realidad, quizá esta inconsecuencia es el único elemento seguro de toda la teoría, un germen que contiene la idea de que la emoción no es simplemente la suma de las sensaciones de las reacciones orgánicas sino, principalmente, una tendencia a actuar en una dirección determinada. (VYGOTSKY, 2010, p. 40)

Nesse caso, de ocorrência rara e nada regular, os experimentos de Marañón confirmam um tipo de relação, que não é de causalidade, entre as dimensões somática e psíquica. Essa relação é caracterizada por uma imbricação mútua entre esses dois setores, cujo cerne é a tendência em atuar simultaneamente em uma direção. Talvez o dualismo esteja sendo substituído por um paralelismo, concomitante e psicofísico, que abordaremos mais adiante.

Diante dessas contestações experimentais, houve uma tentativa de reformulação das hipóteses basilares da teoria organicista. Essa reformulação supõe que as sensações de tensão e de movimento dos músculos e do esqueleto constituem a verdadeira causa do estado emocional e que existe uma variação de acordo com as diferentes emoções.

Para refutar essa hipótese, Vigotski faz uso das experiências de S. Wilson (até o presente momento não encontramos referências sobre S. Wilson, apenas a menção que Vigotski faz a ele), nas quais é demonstrado que não existe uma correspondência entre manifestações externas de emoção e o sentimento real dos sujeitos. Por exemplo, os pacientes poderiam vivenciar tristeza e estar gargalhando ou chorar quando estavam sentindo felicidade.

Os casos mais comuns que colaboram para essas demonstrações são aqueles dos

indivíduos que estiveram vivenciando paralisia emocional do rosto, porque pode ser observada uma expressão da face parecida com a de uma máscara, cujo verdadeiro estado emocional está oculto pela inércia facial. Essa inércia pode ser total ou parcial, o que pode ser ressaltado é o fato de não ocorrer uma expressão das reações emocionais que estão sendo vivenciadas.

Seguindo esse padrão verificacional, outro neurofisiólogo, contemporâneo de S. Wilson, chamado de Ch. Dana (até o presente momento não encontramos referências a Ch. Dana, a não ser a menção que Vigotski faz a ele) observou durante o intervalo de um ano uma mulher com pouco mais de quarenta anos de idade, que estava completamente paralisada, movendo apenas o crânio de um lado para o outro, para cima e para baixo. Nesse quadro, essa mulher manteve todas as suas emoções e as manifestações faciais, levando a uma nova conclusão sobre a origem das emoções. (VYGOTSKI, 2010, p. 46 e 47)

Essa nova conclusão consiste em uma resposta para o seguinte problema: do ponto de vista da teoria periférica, por que a afetividade daquela mulher não havia sofrido nenhuma modificação, ainda que o sistema muscular do esqueleto havia sido praticamente eliminado e seu sistema simpático completamente suprimido?

É oportuno elucidar que o sistema simpático possui a função de responder às situações de pressão e estresse como reações de combate, fuga ou discussão. Isso está ligado à aceleração dos batimentos cardíacos, aumento da pressão arterial e concentração de açúcar no sangue.

A conclusão fundamental para teoria das emoções, formulada por Ch. Dana, que pretendeu responder essa indagação, supôs que as emoções estão localizadas de maneira central e resultam da atividade entre o córtex e o tálamo. Vigotski interpreta essa conclusão como um giro decisivo e radical de toda teoria das emoções, cujo conteúdo pode ser considerado um esforço em penetrar a natureza da vida emocional com uma transição, no estudo experimental, da periferia para o centro do cérebro: “Ese desplazamiento radical de la atención en el estudio e teorización de las emociones esconde efectivamente un giro decisivo completo en las representaciones científicas de la naturaleza de los procesos afectivos.” (VYGOTSKI, 2010, p. 50)

O córtex cerebral é a camada mais externa do cérebro dos vertebrados, abundante em neurônios, composto por uma massa cinzenta, que realiza as funções complexas (memória, atenção, consciência, linguagem, pensamento e percepção) do cérebro e é também responsável pelos movimentos do corpo.

Já o tálamo óptico é uma estrutura também acinzentada composta por diversas vias neurais que podem influenciar umas às outras. É uma espécie de ponto de encontro que tem a função de ser um centro de integração dos impulsos sensoriais, bem como um centro emocional e vegetativo. Está organizado como duas massas neurais que funcionam juntamente, podendo atuar de maneira separada ou unilateral em casos que uma das partes está danificada.

São justamente esses casos que, de acordo com Vigotski, H. Head (neurologista inglês que conduziu trabalhos pioneiros no mapeamento do sistema nervoso no início do século XX) observa e utiliza para postular que as emoções resultam da atividade de integração entre o córtex e o tálamo.

A partir dessas observações, H. Head afirmou que em indivíduos caracterizados pelo funcionamento unilateral do tálamo existe uma reação excessiva a qualquer possível estímulo afetivo do lado do corpo que possuía o tálamo danificado.

Do mesmo modo, quando esses enfermos eram picados por uma agulha ou submetidos ao calor e ao frio, ocorria uma vivência emocional muito maior no lado enfermo do corpo do que no lado são. Isso também podia ser verificado em situações de satisfação, a ponto de terem sido tão intensas que provocavam um sentimento insuportável para o indivíduo enfermo:

La parte del cuerpo correspondiente a los tálamos ópticos afectados reacciona así de manera más fuerte al elemento afectivo, tanto a las irritaciones externas como a los estados mentales internos. Existe un aumento de la receptividad en la parte enferma del cuerpo a los estados de placer y displecer. (VIGOTSKI, 2010, p. 48)

O conjunto dessas sucessivas observações, realizadas por Ch. Dana e Head, foram organizadas em uma teoria por Cannon e Bard, a qual recebeu o nome de “teoria do tálamo óptico”, cujo princípio explicativo, para a origem das emoções, consiste em afirmar que quando um indivíduo está diante de um acontecimento que de alguma forma o afeta, o impulso nervoso atinge inicialmente o tálamo e aí, a mensagem se divide.

Uma parte vai para o córtex cerebral, onde são originadas experiências subjetivas de medo, raiva, tristeza, alegria, etc. A outra se dirige para o hipotálamo (região responsável pela ligação entre o sistema nervoso e o sistema endócrino), o qual determina as alterações neurovegetativas periféricas (sintomas). Ou seja, por esta teoria, as reações fisiológicas e a experiência emocional são simultâneas.

Na compreensão de Vigotski, essa nova teoria possuiu um caráter de “falsa crítica”, visto que está baseada na própria teoria que ela pretendeu criticar, ou seja, na teoria organicista de James-Lange. Vigotski argumenta que a falsa crítica da nova teoria é caracterizada por uma ambiguidade, já que ela acrescenta, ao mesmo tempo, “muito” e “pouco” à teoria anterior. (VYGOTSKI, 2010, p. 48)

Muito no sentido de uma refutação concreta das antigas teses por meio da verificação experimental e na generalização e sistematização teórica do enorme material factual acumulado, principalmente de cunho psicológico e neurológico.

Pouco no sentido de que a crítica não problematiza as bases filosóficas da antiga teoria, nem os equívocos concernentes à maneira de colocar a questão, descuidando de fornecer uma justificativa para o problema das emoções e a necessidade de organizar um ramo específico de estudo: “Lo nuevo combate sin tregua a lo antiguo, pero lo combate con sus mismas armas y por eso, a pesar de las aparentes victorias, sigue siendo prisionero de lo antiguo y del error vanamente refutado. Lo muerto da alcance a lo vivo.” (VYGOTSKI, 2010, p. 54)

Talvez o fundamento dessa crítica de Vigotski seja o modelo de construção da questão em teoria das emoções, pois o modo como a interrogação foi construída possui como pressuposto uma tentativa de aproximar duas dimensões dicotômicas tal qual corpo e psiquismo, vindo a desconsiderar a pertinência ou não de um modelo explicativo para cada uma dessas dimensões e como esses distintos modelos explicativos podem ser conectados, mediante conceitos precisos e específicos. Assim, o modelo de interrogação de James-Lange é repetido por Cannon e Bard, permitindo que, em termos de inovação teórica, o morto alcance o vivo.

Com base no que foi exposto, o estudo de Vigotski passa a ser direcionado para uma dificuldade de cunho interpretativo, que corresponde ao seguinte problema: ainda que tenha sido formulada uma refutação empírica, por Cannon e Bard, à teoria organicista, por que ela era tomada como verdadeira e válida?

Para desenvolver essa questão, Vigotski acredita que existe uma condição inicial que funciona como um impedimento para compreensão dos limites da teoria de James-Lange. Essa condição é composta por três “ilusões” que necessitam serem desfeitas para que ele possa conduzir à etapa seguinte de sua empresa de caráter histórico junto à referida teoria.

Essas ilusões impedem a pesquisa, pois mesmo que seja feita uma comparação entre a teoria organicista das emoções e os resultados das verificações empíricas, a

interpretação constituída compreende esses dados como informações que corroboram as hipóteses de James-Lange, quando, no entendimento de Vigotski, ocorre uma refutação dessas hipóteses. Portanto, ele se lança à contra-argumentar diante dessas ilusões.

As três ilusões que resguardam a teoria organicista são as seguintes: o caráter verídico e irrefutável, a ausência completa de um materialismo, bem como a invulnerabilidade e impermeabilidade à crítica.

A primeira ilusão decorre da difusão da teoria de James-Lange em meio à psicologia americana do comportamento e às pesquisas da psicologia objetiva russa. Nesses dois pólos de pesquisa psicológica institucional, foi elaborada a convicção de que semelhante teoria é dotada de “tal simplicidad aparente, tal poder de convicción, con tal abundancia de pruebas factuales, verificables cotidianamente y accesibles a cualquiera” (VYGOTSKI, 2010, p.10), em função de colocar a base orgânica em primeiro plano para explicar as emoções.

A segunda ilusão está ligada à rejeição que James realiza em relação a qualquer classificação materialista de sua teoria. Na verdade, James tenta preservar uma posição ambígua para se proteger tanto das tentativas de refutar sua teoria enquanto materialismo, quanto das incursões de qualificar sua teoria como materialismo para confirmá-la e com isso comprometer seu ambicionado caráter de ineditismo, visto que outras teorias fisiológicas já tinham sido classificadas como materialistas.

A terceira ilusão está associada ao tipo de compreensão que a teoria organicista das emoções produz acerca das experimentações laboratoriais concernentes às suas hipóteses, uma vez que, na análise de Vigotski, essas pesquisas refutam a teoria de James-Lange, não corroborando seus postulados.

Talvez essa terceira ilusão só possa ser sustentada com o suporte da produção institucional que distingue a primeira ilusão somada à dubiedade compreensiva que marca a segunda. Ambas poderiam ser os pilares desse modelo interpretativo que dificulta a apreensão dos dados laboratoriais.

Sendo assim, é importante destacar que a força dessas ilusões superestima um tipo de naturalismo ingênuo, já que essa posição considera suficiente a suposição da base fisiológica para as emoções, descuidando de sua verificação empírica e de sua respectiva interpretação avaliativa à luz da compatibilidade e consistência entre a teoria utilizada e o objeto investigado.

Em outras palavras, Vigotski está nos alertando para a confusão que é realizada entre hipótese e tese dentro da psicologia científica, a qual é construída mediante as três

ilusões:

Esta afirmación es corroborada por una referencia al carácter revolucionario de la ideas de James, quien con mucho énfasis, destacó las raíces materiales, puramente fisiológicas de los estados psíquicos. Esta Idea general, indiscutible para todo biólogo que no imagina la actividad psíquica sin su base material, es el denominador común que, gracias a la ilusión mencionada tantas veces, permite identificar las ideas de James con los hechos presentados por Cannon, aunque se contradigan absolutamente. (VYGOTSKI, 2010, p. 13)

A força dessa confusão, fundamentada nas três ilusões, recebe proteção direta no suposto campo de prova utilizado pela teoria organicista para sustentar suas hipóteses. Esse modelo de demonstração é composto pela observação cotidiana, análise introspectiva e elaborações especulativas. (VYGOTSKI, 2010, p. 16)

Talvez o fundamento dessas três ilusões sobre a teoria organicista das emoções esteja presente na situação de crise da teoria das emoções em psicologia. Essa situação de crise pode ser caracterizada pela dificuldade de adequação entre hipótese formulada e seu objeto, que tem como sinal mais evidente a limitada verificação laboratorial, acompanhada de um pressuposto teórico que sustente e corrobore essa limitação.

Essa limitação metodológica tem como pilares a falta de problematização por parte da teoria organicista a respeito de seus pressupostos epistemológicos e ontológicos, bem como sua consequente dificuldade em fazer generalizações adequadas à natureza psicológica das paixões. A partir disso, Vigotski sugere que esse é o objetivo da psicologia em teoria das paixões:

Es evidente que nuestra tarea para con la teoría de las pasiones es ponerla a la altura de los otros temas de la psicología contemporánea. Para hablar con más claridad, nuestra meta es crear las bases primeras de una teoría psicológica de los afectos que sea plenamente consciente de su naturaleza filosófica, que no tema hacer las generalizaciones más elevadas, adecuadas a la naturaleza psicológica de las pasiones, y que sea digna de convertirse en uno de los capítulos de la psicología humana, quizá incluso en su capítulo principal. (VYGOTSKI, 2010, p. 58)

Na tentativa de remediar essa situação, Vigotski especulava acerca da viabilidade do diálogo entre psicologia e filosofia mediante a perspectiva do verdadeiro interesse histórico, que por sua vez estava assentada sobre a investigação filosófica em concreto:

Por el contrario, nos parece que es la consecuencia inevitable de la crisis que experimenta la psicología contemporánea y el único medio de salvación

capaz de sacar a la ciencia de esta crisis y que, a nuestro entender, ya la ha sacado parcialmente. Ese fenómeno consiste en una profunda tendencia filosófica que penetra en los ámbitos más diversos de la investigación psicológica contemporánea. (VYGOTSKI, 2010, p. 56)

A razão dessa especulação está baseada na diferença que Vigotski estabelece entre “falsa crítica” e “crítica”. (VYGOTSKI, 2010, p. 53) Uma “crítica” deveria começar por outro modo de construir questões ou outro caminho para elaborar um problema em relação ao objeto criticado. Consiste em um modo peculiar ou inovador de elaborar perguntas.

Ocorre que mesmo determinado problema para ser formulado carece de fundamentos teóricos para tanto. Na verdade os problemas são criados a partir de posições teóricas ou de encontros entre posições teóricas, que permitem a visualização ou percepção de lacunas, contradições, falta de precisão ou clareza em projetos científicos ou filosóficos, que podem se manifestar para o pesquisador como sentimento de insatisfação ou inquietação.

Nesse sentido, a disciplina ou tipo de conhecimento privilegiado para esse tipo de pesquisa é a filosofia, pois ainda que uma teoria não seja diretamente filosófica, ela terá seus pressupostos filosóficos, sejam ontológicos (definição para a realidade), sejam epistemológicos (definição para o conhecimento).

Além disso, cabe à filosofia uma investigação a respeito dos fundamentos, princípios e pressupostos de uma teoria, podendo vir problematizar ou justificar a composição desse corpo teórico. Então uma crítica, nos termos de Vigotski, deveria, primeiramente, atingir aos pressupostos filosóficos que sustentam uma teoria ou às posições teóricas que são utilizadas na construção de um problema:

Es verdad que los problemas no resueltos por la crítica y la nueva teoría, de los que acabamos de hablar, constituyen tareas que en apariencia no es posible cumplir más que al cabo de muchos años, y gracias a extensas y serias investigaciones. Debido a su propia esencia, no pueden encontrar solución mediante un enfoque crítico, incluso del error más fecundo. Al contrario, la crítica es la condición primare necesaria para la misma de plantear esos problemas. Esta abre puertas pero, a pesar de todo, nos parece que ha llegado el momento de intentar entrar por primera vez por esas grandes puertas abiertas y tratar, con la mayor libertad e imparcialidad, de trazar las bases más generales del estudio de los problemas nuevos de la psicología de los afectos, problemas con los que los viejos sabios ni siquiera habían soñado. E n el presente estudio se realiza precisamente este primer intento, que, necesariamente, es bastante limitado y modesto. (VYGOTSKI, 2010, p. 55)

Isso nos permite especular que as duas crises apontadas por Vigotski podem ser relacionadas pela ausência de investigação e problematização filosófica no que diz

respeito aos seus fundamentos, princípios e pressupostos. Além disso, durante essa problematização, cabe à atividade filosófica a devida organização dos conhecimentos produzidos pelos distintos sistemas psicológicos, bem como a sistematização do fruto das problematizações empreendidas pela crítica filosófica.

4 Considerações finais

Retomemos nosso problema: de um ponto de vista filosófico, em que medida podemos relacionar dois tipos de crises na psicologia do início do século XX que foram diagnosticadas pelas pesquisas do psicólogo bielorusso Léon Vigotski?

Com base naquilo que expusemos acima, supomos que a relação entre as duas crises possa ser sustentada pelos tipos de teorias científicas ou filosóficas que foram pressupostas para coordenar e direcionar a pesquisa em psicologia. Mais precisamente esse elo pode estar apoiado em pressupostos filosóficos baseados em um dualismo psicofísico.

Esse dualismo psicofísico consiste em supor que a realidade seja composta por duas dimensões: uma extensa ou material e outra psíquica, logo existe uma equivalência conceitual entre quatro termos: realidade material/materialismo e realidade psíquica/idealismo. Semelhante ideia está presente em ambas as crises, no entanto ela tem repercussões e importância distinta em cada uma delas.

Na crise metodológica em psicologia o dualismo pode ser resolvido pela prática no tema da técnica em psicologia aplicada e a importância do mesmo fica restrita ao encaminhamento materialista sugerido por Vigotski. Já a crise em teoria das emoções tem sua possível solução direcionada para a uma versão da história da teoria das emoções em psicologia, sustentada por um tipo específico de história da filosofia, que abordaremos no capítulo seguinte.

A crise em teoria das emoções pode ser pensada no contexto da crise metodológica em psicologia no que tange ao seu aparato especulativo e eventual problematização filosófica, pois a teoria das emoções não deixa de ser uma teoria e a metodologia possui uma dimensão de fundamentação exclusivamente teórica e outra de aplicação procedimental. O elemento diferencial dessa crise em relação à anterior é que nela ocorre, explicitamente, a menção ao cartesianismo, isto é, o dualismo psicofísico é do tipo cartesiano, pois trabalha não com a noção de duas dimensões, mas de duas substâncias e suas eventuais consequências.

Portanto, a relação entre as duas crises repousa na natureza teórica da investigação acerca das emoções e na parte especulativa da metodologia em psicologia,

em que o ponto de encontro é o dualismo psicofísico, garantindo os quatro termos: realidade material/materialismo e realidade psíquica/idealismo.

Esse ponto de encontro, cujo centro é o dualismo psicofísico, é compreendido pela psicologia das três primeiras décadas do século XX como um princípio teórico que não é revisitado, pois poderia comprometer a produtividade da pesquisa. Talvez a adoção de semelhante dualismo permita organizar setores de pesquisa, mas carrega consigo o custo de implodir em limitações heurísticas que não permitem o desenvolvimento de novos âmbitos de trabalho.

REFERÊNCIAS

TOASSA, G. *Emoções e vivências em Vigotski*. São Paulo: Papyrus Editora, 2011.

VAN DER VEER e VALSINER, R. e J. *Vygotsky: uma síntese*. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

VYGOTSKI, L.S. *El Significado Histórico de la Crisis de la Psicología. Una Investigación Metodológica*. In Obras Escogidas, vol.1, Madrid: Visor.1991.

VYGOTSKI, L.S. *Teoria de las emociones – Estudio histórico-psicológico*. Tradução de Judith Vilaplana. Madrid: Editora Akal, 2010.